



## **O andarilho e o romântico: o mito do Judeu Errante em Castro Alves**

The Wanderer and the Romantic: the Myth of the Wandering Jew in Castro Alves

Kenia Maria de Almeida Pereira\*

**Resumo:** O poema “Ahasverus e o gênio”, de Castro Alves dá relevo à lenda do Judeu Errante. Este artigo analisará esse poema e outros textos que apresentem temas judaicos. Levaremos também em consideração alguns estudos anteriores que retomam as questões românticas relacionadas ao poeta gênio e vate de um povo.

**Palavras-chave:** Castro Alves. O Judeu Errante. Ahasverus.

**Abstract:** This paper aims mainly to analyze Castro Alves’ poem “Ahasverus e o gênio”, specially observing the legend of the Wandering Jew and the Jewish question, which appears in some poems by this romantic author. We will also consider some prior studies that recapture the romantic questions related to the genius poet, the poet of a people.

**Keywords:** Castro Alves. The Wandering Jew. Ahasverus.

O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até a outra... (Deuteronômio 28, 64)

O mito do Judeu Errante talvez seja uma das narrativas mais surpreendentes que povoam o imaginário judaico-cristão. A assombrosa história do sapateiro Ahasverus já é relativamente bem conhecida no Ocidente. Ahasverus, também chamado de Assuero ou Cartafilo, zombou de Jesus Cristo quando este passava em frente a sua residência com a pesada cruz às costas. A punição por esse ato tão desrespeitoso veio logo em seguida. Como castigo, o sapateiro foi amaldiçoado pelo Messias à errância eterna: a caminhar infinitamente pelo mundo, até o fim dos tempos, até a chegada do Apocalipse, sem ter paz nem descanso e sem nunca poder conhecer a morte.

Assim, a tragédia de Assuero se aproxima das narrativas de Caim e Prometeu. Esses dois são também personagens rebeldes, desobedientes e insatisfeitos, os



quais tiveram que também experimentar penas duras e atroz, já que se insurgiram contra a autoridade de um ser poderoso.

Dessa forma, o destino funesto deste personagem tão trágico e avassalador seduziu a imaginação de vários autores, poetas e artistas, de todas as épocas. Gustave Doré, por exemplo, concebeu, com seu estilo artístico acinzentado e fantasmagórico, dezenas de ilustrações em que esse caminhante solitário e amaldiçoado aparece como o tema central. Também Marc Chagal traduziu, com seus pincéis, a andança infinita e solitária desse personagem, caminhando como quem flutua, carregando às costas sua pequena trouxa de roupas. No Brasil, escritores como Machado de Assis, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Samuel Rawet também buscaram os rastros do sapateiro andarilho.

Machado de Assis, por exemplo, publicou o conto “Viver”, em que Ahasverus, numa atmosfera onírica e apocalíptica, dialoga com Prometeu, comentando que finalmente é chegada a sua hora de morrer. Para Adilson dos Santos, surpreendentemente, no conto machadiano, “caberá a Ahasverus ser o elo responsável por ligar o mundo passageiro e o eterno. Pela sua experiência, será escolhido para ser não o derradeiro homem sobre a terra, mas o primeiro de uma nova espécie mais forte que a anterior, invertendo-se, portanto, as predições”. (SANTOS, 2006, p. 103).

Vinícius de Moraes, por sua vez, no interessante poema intitulado “Judeu Errante”, identifica-se com a figura movediça de Assuero, reforçando “aquilo que Fernando Pessoa, na pele de Álvaro de Campos, dizia: o poeta é ‘estrangeiro aqui como em toda a parte’”. (PEREIRA, 2012, p. 5). Essa identificação do “poetinha” com a errância de Cartafilo também se dá com o escritor Samuel Rawet. Berta Waldman, ao estudar o mito do Judeu Errante nos textos desse autor, aponta que Ahasverus e Rawet formam um território único, “fundindo um no outro através da palavra”. (WALDMAN, 2003, p. 98). Já o poeta Carlos Drummond de Andrade, com o poema “A incômoda companhia do Judeu Errante”, evoca seus medos dos tempos dele menino em Itabira, em que temer e condoer-se da imagem lendária deste velho andarilho era comum entre as crianças mineiras.

Para Pereira e Bueno, o poema de Drummond evoca uma época em que a lenda do Judeu Errante chega a “Minas Gerais juntamente com os primeiros visitantes da Santa Inquisição, quando o longo e terrível braço do Santo Ofício alcançou aqui nos trópicos os supostos hereges judaizantes”. (PEREIRA; BUENO, 2013, p. 6).

A peregrinação poética de Ahasverus não poupou a terra dos cordéis. Suas pegadas ficaram espalhadas também por vários livretos nordestinos. Segundo



Jerusa Pires Ferreira, vários folhetos de cordel apresentam Assuero como o excomungado que bateu em Cristo e que deveria pagar por seus pecados. Ainda conforme Ferreira, historietas como as de *O Judeu Errante*, de Severino Borges, *A vida do Judeu Errante*, de Manoel Apolinário, *O filho do judeu*, de Delarme Monteiro da Silva, são textos de cunho moralizador com respingos do discurso católico de conversão que “continua a ecoar no universo popular brasileiro”. (FERREIRA, 2000, p. 30).

No entanto, é a geração dos escritores românticos europeus, principalmente os da primeira fase, que irá recuperar, em suas obras, a simbologia do Judeu Errante, agora não mais como apenas o arrenegado ou o amaldiçoado de Deus, mas, também, como o desenraizado marginal e rebelde, o cosmopolita revolucionário e livre: qualidades, aliás, muito caras para a estética romântica. David Hoffmann, Schiller, Victor Hugo, Goethe, Edgard Quinet, Eugène Sue, Schubart, todos eles, em algum momento de suas carreiras literárias, serão visitados por este personagem exilado e subversivo, em seu contínuo e absurdo movimento.

Para Marie-France Rouart, este caráter errante e desterrado de Cartafilo emprestaria aos escritores românticos “a condição de todo homem em seu enfrentamento com o espaço e o tempo, esse homem que, entregue a seus demônios interiores, é capaz de transformar sua maldição em redenção”. (ROUART, 1997, p. 667).

Dessa forma, Castro Alves, bebendo nos românticos europeus, principalmente em Goethe e Edgar Quinet, irá compor um dos mais interessantes poemas sobre Assuero, intitulado “Ahasverus e o gênio”. Aliás, uma poesia de rara beleza. Durante a leitura, percebemos a musicalidade melancólica que flui, alternando-se entre os decassílabos e os hexassílabos que compõem essa canção. Tem razão Machado de Assis ao afirmar que Castro Alves apresenta uma forma literária esculpida com arte, na qual ele canta “simultaneamente o que é grande e o que é delicado”. (ASSIS, 1994, p. 896). Vamos ao poema:

Ahasverus e o gênio

ao poeta e amigo J. Felizardo Júnior

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,  
O mísero Judeu, que tinha escrito  
Na frente o selo atroz!  
Eterno viajor de eterna senda...



Espantado a fugir de tenda em tenda,  
Fugindo embalde à vingadora voz!

Misérrimo! Correu o mundo inteiro,  
E no mundo tão grande... o forasteiro  
Não teve onde... pousar.  
Co'a mão vazia — viu a terra cheia.  
O deserto negou-lhe — o grão de areia,  
A gota d'água — rejeitou-lhe o mar.

D'Ásia as florestas — lhe negaram sombra  
A savana sem fim — negou-lhe alfombra.  
O chão negou-lhe o pó!...  
Tabas, serralhos, tendas e solares...  
Ninguém lhe abriu a porta de seus lares  
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,  
E não pôde entre tantas populaças  
Beijar uma só mão...  
Desde a virgem do Norte à de Sevilhas,  
Desde a inglesa à crioula das Antilhas  
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribos se afastavam  
E as mulheres tremendo murmuravam  
Com respeito e pavor.  
Ai! Fazia tremer do vale à serra...  
Ele que só pedia sobre a terra  
— Silêncio, paz e amor! —

No entanto à noite, se o Hebreu passava,  
Um murmúrio de inveja se elevava,  
Desde a flor da campina ao colibri.  
"Ele não morre", a multidão dizia...  
E o precito consigo respondia:  
— "Ai! mas nunca vivi!"

O Gênio é como Ahasverus... solitário  
A marchar, a marchar no itinerário  
Sem termo do existir.



Invejado! a invejar os invejosos.  
Vendo a sombra dos álamos frondosos...  
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede u'a mão de amigo — dão-lhe palmas:  
Pede um beijo de amor — e as outras almas  
Fogem pasmas de si.  
E o mísero de glória em glória corre...  
Mas quando a terra diz: — "Ele não morre"  
Responde o desgraçado: — "Eu não vivi!..." —  
(ALVES, 1986, p. 86-87).

"Ahasverus e o gênio" faz parte do livro *Espumas Flutuantes*, publicado em 1870, quando Castro Alves tinha apenas vinte e três anos de idade e já vivenciara inúmeros infortúnios. À época da publicação, o conhecido poeta dos escravos já era popular e muito conhecido, principalmente pelas declamações de seus poemas, realizadas pelo próprio Castro Alves nos teatros paulistas, cariocas e baianos. Se ele colheu a fama ainda jovem, também foi vítima de inúmeros dissabores. Teve uma vida breve e trágica. Depois de longo sofrimento amoroso, motivado pelo adeus da amante, a atriz Eugênia Câmara, com quem ele compartilhara o palco e a quem dedicou vários poemas, com uma espingarda atingiu a si mesmo acidentalmente no pé direito numa mal sucedida temporada de caça. Conseqüentemente, teve parte da perna amputada, sem uso da anestesia, já que seu pé se encontrava em estado avançado de putrefação. Fisicamente e emocionalmente fragilizado, abandona o curso de Direito. Com os pulmões enfraquecidos, contrai, em seguida, a fatídica tuberculose que o levará à morte, aos vinte e quatro anos, no auge da juventude e da criatividade literária. Segundo Afrânio Peixoto, no dia seguinte à morte do poeta de "Vozes d' África", a Bahia consternada "enterrava-o sob flores e lágrimas, no Cemitério do Campo Santo, onde jaz. (PEIXOTO, 1986, p. 62).

*Espumas flutuantes*, o único livro editado em vida pelo poeta baiano, foi dedicado à memória de seus pais e de seu irmão José Antônio, que se suicidou aos 19 anos. A obra está composta de 53 poemas, com temas variados que vão desde poesias elogiosas, como "A Maciel Pinheiro" e "Pedro Ivo", passando pelos derramamentos metafóricos de "O tonel das Danaides", até os poemas mais populares como o "Laço de fita", "Mocidade e morte", "Os Anjos da meia-noite", "O livro e a América", bem como versos amorosos como "Adeus de Tereza" e "A uma estrangeira". Há ainda traduções parafrásicas de versos de Berthoud: "As três irmãs do poeta"; e de Byron: "A uma taça feita de crânio humano" e "As três irmãs". Constam ainda traduções de Lozano, "Oitavas a



Napoleão”, e de Vitor Hugo, “Perseverando”. Encontra-se ainda um drama cômico “Uma página de escola realista”. O livro se inicia com um prólogo em que o poeta explica, de forma demarcadamente romântica, que seus versos “são filhos da musa, este sopro do alto; do coração, este pélagos da alma”. (ALVES, 1986, p. 74).

Impregnado pelas características românticas de seu tempo, Castro Alves escreve *Espumas flutuantes* embebido tanto pelos ideais patrióticos de liberdade e nacionalismo como também pelas cores do erotismo e da sedução, embriagado principalmente pelas leituras de Victor Hugo, Musset e Byron. Eugênio Gomes explica que o poeta de “Mocidade e morte” editou esse livro quando “estava a dois passos da sepultura; este livro é a história lírica, não só de seus amores, mas também de suas reações, em geral, perante a vida, o mundo e a arte”. (GOMES, 1986, p. 27). Já para Sílvio Romero, este é um dos livros mais lidos pelos brasileiros, pois, além de refletir o diálogo intertextual de Castro Alves com Álvares de Azevedo, apresenta ainda “um grande talento verbal, uma sincera eloquência comunicativa, um simpático entusiasmo juvenil”. (ROMERO, 1980, p. 50).

Para Mário de Andrade, o lado saboroso e simpático de *Espumas flutuantes* é a capacidade pansexual de Castro Alves, o desejo do poeta baiano de amar e cantar as mais diversas donas; “canta-as com uma sinceridade de amor, que não é só gozo sensual não. Todos os seus amores, são amores eternos”. (ANDRADE, 2002, p. 130-131). Para Afrânio Coutinho, já em sua fase inicial, percebemos as dívidas estéticas desse poeta para com seus antecessores brasileiros como, por exemplo, “Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e outros bem menores que ele próprio”. (COUTINHO, 1986, p. 212). Sílvio Romero, por sua vez, observa que quem lê atentamente o poeta baiano “nota logo dois tons fundamentais em sua lira: o lirismo gracioso dos amores, das paixões, das efusões particulares, e o (princípio) do cantar brilhante do socialista, do democrata social [...]. Ele transporta-nos para horizontes mais amplos, faz-nos assistir a lutas mais fortes, a paixões mais intensas, mostra-nos almas mais ativas e ousadas”. (ROMERO, 1980, p. 1292)

Podemos dizer, assim, que *Espumas flutuantes* prepara o caminho para poemas de cunho mais crítico-social, que viriam logo em seguida, como “Navio negreiro” e “Vozes d’África”, os quais estarão impugnados de denúncias contra o destino trágico dos negros escravizados. Textos, aliás, em que o poeta baiano faz uso, nas palavras de Mário de Andrade, de todos os recursos metafóricos e estéticos para “nos infundir piedade pelo escravo e asco pela escravidão”. (ANDRADE, 2002, p. 134).



Voltando ao poema “Ahasverus e o gênio”, lemos que ele foi dedicado ao amigo J. Felizardo Júnior, um possível colega da Faculdade de Direito, com quem Castro Alves mantinha acalorados diálogos sobre vários assuntos que iam da política baiana aos breves amores, da importância do livro na América à fugacidade da vida humana. Os primeiros versos se dirigem a um leitor imaginário com uma curiosa pergunta: “Sabes quem foi Ahasverus?” Nos versos seguintes, faz menção à maldição do Hebreu Errante: a imortalidade e o estigma, ou a marca corporal denunciando o pecado. “O mísero judeu, que tinha escrito / Na fronte o selo atroz”. Cartafilo, tal qual Caim, leva marcado na testa o sinal de seu pecado, “a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse”. (Gn 4,14).

Desde tempos remotos, o corpo do transgressor deveria ser marcado, inscrito em sua pele o signo da infâmia. Ou, como muito bem aponta Foucault, era importante traçar no corpo do condenado sinais e cicatrizes que não deveriam se apagar, transformando, assim, o supliciado em “um infame”. (FOUCAULT, 1987, p. 35). Lembremo-nos das tatuagens impostas aos escravos e depois aos judeus, quando reclusos nos campos de concentração. Se a marca a ferro na pele do escravo lembrava-o de que ele agora era um objeto e pertencia a outro homem, já no que se refere aos judeus aprisionados, Primo Levi observa que essa marca indestrutível e injuriosa era um ritual de passagem para os que estavam encarcerados nos campos. Uma experiência que tanto humilhava como também alertava ao condenado que seu fim estava próximo. Uma operação que não durava nem um minuto, mas cujo “significado simbólico estava claro para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais”. (LEVI, 1990, p. 72).

Desde a Idade Média, os criminosos e os pecadores deveriam portar o estigma de seu crime ou maldição estampado no corpo ou nas vestes, ou mesmo se fazerem anunciar por objetos o sinal de seus pecados ou de suas doenças, alertando a população para que os evitassem. Os leprosos, por exemplo, considerados por muito tempo como vítimas também de um castigo divino, faziam-se anunciar nas ruas ora com matracas ora com sinetas penduradas ao pescoço. Já as adúlteras, na Boston do século 17, só podiam sair em público com uma letra vermelho-escarlate bordada nos vestidos. Fazia parte do ritual do castigo que a vítima carregasse consigo a lembrança de sua ignomínia.

No período medieval, o ódio aos hebreus era também um sentimento constante, já que eles estavam associados ao mal absoluto e eram identificados como os supostos disseminadores da peste negra, os envenenadores das fontes e dos rios, os assassinos de Cristo e os principais sócios do demônio. Assim, eles deveriam portar, em público, algo que os distinguisse dos cristãos; algo que os identificasse rapidamente para que fossem evitados. Segundo Jean Delumeau,



no século 13 e 14, na Europa, vários concílios e inúmeros decretos na Itália e na Espanha obrigavam o hebreu a costurar um círculo amarelo na roupa, enquanto que na Alemanha ele deveria portar um “chapéu cônico, amarelo ou vermelho”. (DELUMEAU, 1993, p. 298). O judeu passa a ser assim, para as populações do final da Idade Média, segundo ainda Jean Delumeau, como o “estrangeiro incompreensível e inassimilável” (DELUMEAU, 1993, p. 298). Não por acaso, é exatamente nesse período que a lenda do Judeu Errante ganhará mais força e popularidade, principalmente entre as comunidades mais afastadas e entre os cristãos europeus mais fervorosos.

Dessa forma, se o hebreu mete medo e repulsa por onde passa, deve, portanto, tal qual o personagem Ahasverus, ser expulso das comunidades cristãs; daí porque Castro Alves aponta, no quinto verso da primeira estrofe, que o Judeu Errante vive “espantado a fugir de tenda em tenda”.

Já na segunda estrofe, o poeta baiano escreve que Cartafilo: “Misérrimo! Correu o mundo inteiro/ e no mundo tão grande... o forasteiro/ não teve onde pousar”. Diante disto, Ahasverus pode ser considerado a alegoria da diáspora do povo hebraico. Aliás, a diáspora e o exílio são as marcas desses filhos de Abraão. Desde tempos bíblicos, os judeus se puseram em marcha pelo mundo, fugindo da escravidão no Egito e depois do cativeiro na Babilônia. Séculos depois, abandonaram suas terras tentando escapar das atrocidades romanas. Já na Idade Média e no Renascimento, foram vítimas das perseguições inquisitoriais; finalmente, no século 20, subjugados pela ignominiosa ditadura nazifascista, abandonaram seus lares, migrando para todos os continentes da Terra. Sem dúvida, a lenda do Judeu Errante alimentou, muitas vezes, a imaginação dos antissemitas, contribuindo para justificar expulsões e maus tratos aos grupos hebreus.

Para Maria Luiza Tucci Carneiro, a lenda do Judeu Errante, no Brasil da Era Vargas, principalmente nos anos entre 1933 e 1945, foi reabilitada como parte de um processo político ideológico de caráter antissemita. Para Tucci Carneiro, “como homem sem direito à cidadania e representante de uma ‘raça’ avaliada como impura, os judeus foram expulsos da Alemanha e, como tais, obrigados a caminhar em busca de refúgio”. (CARNEIRO, 2003, p. 129). Esta figura mítica e lendária do israelita errante no Brasil de Vargas, portanto, representaria, no imaginário político, o indivíduo proscrito, apátrida a quem, na medida do possível, deveria ser negado refúgio em terras brasileiras.

Assim, também na poesia de Castro Alves, no Brasil do século 19, se Ahasverus vivia caminhando amedrontado, também metia medo e temor: “as mulheres tremendo murmuravam/ com respeito e pavor/ Ai! Fazia tremer do vale à





serra...” Segundo Alan Unterman, a presença do Judeu Errante causava pânico às populações, uma vez que sua “aparição era considerada precursora de alguma catástrofe natural”. (ULTERMAN, 1992, p. 140). Dessa forma, têm razão Lyslei Nascimento e Luiz Nazario quando observam que, muitas vezes, estas histórias da tradição judaico-cristã, ao longo do tempo, ganham versões “ambíguas e estereotipadas, expondo preconceitos e judeofobia”, tal qual acontece em muitos momentos com as lendas de Lilith e do Golem. (NAZARIO; NASCIMENTO, 2004, p. 22).

Mas se o cigano Ahasverus provoca o medo, também pode suscitar a inveja. Afinal, ele é eterno. Não conhecerá a morte como todos nós, indivíduos desgraçadamente mortais. No poema, lemos que “Um murmúrio de inveja se elevava/ desde a flor da campina ao colibri/ ‘Ele não morre’, a multidão dizia...” Contraditoriamente, para Assuero, a imortalidade, longe de ser uma benção, é uma maldição.

Marie-France Rouart, por exemplo, comenta que, paradoxalmente, não morrer é algo trágico para quem está condenado a vagar sem repouso até o Julgamento Final, uma vez que esse ser, absolutamente solitário, fica excluído de “toda afeição humana e faz com que ele veja tudo à sua volta morrer, desaparecer e renascer”. (ROUART, 1997, p. 665). Dessa forma, Ahasverus se aproxima dos gênios que, para melhor pensar e escrever, se isolam da convivência social, abrindo mão, muitas vezes, das trocas afetivas e de outras relações humanas, para escrever ou inventar algo tão extraordinário que também os imortalizarão. Daí porque Castro Alves escreve na penúltima estrofe que “O Gênio é como Ahasverus... solitário/ A marchar, a marchar no itinerário”.

Assim, concordamos com Antonio Candido quando aponta, em seu texto “Poesia e oratória em Castro Alves”, que a poesia do autor de “Cachoeira de Paulo Afonso” vem mergulhada em discurso embriagado, embora muitas vezes tingido pelo exagero e o mau gosto da oratória. Mas, de qualquer forma, sua poesia se estrutura em vigorosa paixão com respingos de “dúvida, abatimento, cinismo, melancolia.” (CANDIDO, 1981, p. 278). Podemos, portanto, afirmar que essa melancolia, apontada por Antonio Candido, na poesia de Castro Alves, reflete-se na solidão extrema tanto de Ahasverus como do poeta gênio. Se Ahasverus é a metáfora dos que vivem em eterno exílio, é também dos que vivem eternamente sozinhos. Ainda para Antonio Candido, Ahasverus seria o eixo estruturador da poesia de Castro Alves, uma vez que o Judeu Errante representaria, além da metáfora da solidão, o “símbolo da luta eterna da humanidade, em busca da redenção e justiça (como Quinet) e também símbolo do gênio”. (CANDIDO, 1981, p. 269).



Tanto Ahasverus como o gênio são considerados, pela vertente romântica, figuras messiânicas, condutoras dos povos, e se assemelham ao vate. Tanto o poeta como o gênio são pessoas que, para exercerem suas funções, preferem a solidão, o isolamento e, tal qual o Judeu Errante, estão apartadas do convívio social. Nesse sentido, Castro Alves se aproxima, segundo a pesquisadora Cleonice Sousa, de Victor Hugo. Para Sousa, “uma das tônicas norteadoras dos poemas de Castro Alves e de Victor Hugo configura-se, pois na figura do Gênio, num movimento que tende a realçar a representação do bardo como portador de uma missão na terra”. (SOUSA, 2011, p. 30).

Dessa forma, o gênio entenderia melhor as injustiças sociais e conduziria o povo à libertação de seus sofrimentos. E mais: a figura do poeta genial, como aquele que se opõe às regras e normas dos modelos clássicos, era também uma das aspirações do romântico Castro Alves, o qual considerava a si mesmo como gênio, como se pode ler nos famosos versos de “Mocidade e morte”: “Eu sinto em mim o borbulhar do gênio / Vejo além um futuro radiante.” (ALVES, 1986, p. 88).

Como mencionamos antes, Castro Alves morreu muito jovem, sofreu terrivelmente tanto com a tuberculose como também com o abandono da amante Eugênia Câmara. Ao sentir o fim próximo, isolado e muito debilitado pela doença e pela solidão, resolve publicar *Espumas flutuantes*, como uma forma de “não soçobrar de vez ante a posteridade”. (GOMES, 1986, p. 26). Assim, tal qual nos últimos versos do poema “Ahasverus e o gênio” (“Mas quando a terra diz: — Ele não morre/ Responde o desgraçado: — Eu não vivi”), Castro Alves também, como toda a gente, invejará a imortalidade de Ahasverus. O poeta de “Adeus Tereza” ansiava tanto pela rebeldia do gênio como pela imortalidade de Assuero. Esse desejo da imortalidade está estampado no prólogo de *Espumas flutuantes*, como se pode ler neste trecho: “E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara; nem sequer a lembrança desta alma, que convosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...” (ALVES, 1986, p. 73).

Além disso, o poeta exprime em outros poemas sua revolta em morrer tão jovem; em “Mocidade e morte”, ele canta “Morrer... quando este mundo é um paraíso / E a alma um cisne de douradas plumas”. (ALVES, 1986, p. 88). Segundo o biógrafo Pedro Calmon, na época da construção destes versos, Castro Alves se sentia um derrotado já que precisou voltar para a casa dos pais, “aleijado, doente do peito, com a alma saturada de amargura”. (Calmon, 1935, p. 172) Castro Alves retoma, assim, novamente a imagem de Ahasverus. Ele inveja o “caminhante triste”, renegando, mais uma vez, de forma atormentada, sua sina de jovem condenado prematuramente ao “sono sob a lájea fria”. Ou



ainda a sorte ingrata de “trocar os beijos da mulher — no visco / da larva errante no sepulcro imundo”. (ALVES, 1986, p. 89) Assim, concordamos com Silvio Romero, quando observa que:

Castro Alves foi Poeta nacional, se não mais nacionalista, poeta social, humano e humanitário, o seu rico estro livrou-o de perder-se num objetivismo que, não temperado de lirismo, é a mesma negação da poesia. As cousas sociais e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta, às vezes com prevalência da eloquência sobre o sentimento, mas sempre com sentida emoção de poeta. (ROMERO, 1980, p. 98).

Ahasverus representaria, portanto, os principais pilares dos ideais românticos do Poeta dos Escravos: imortalidade e liberdade. Percebe-se, assim, que Castro Alves identifica-se com a figura de Cartafilo. Para Jamil Almansur Haddad, a lenda de Ahasverus auxiliou Castro Alves “a plasmar o seu mito pessoal do gênio incompreendido”. (HADDAD, 1953, p. 25).

O poeta de “O laço de fita” conhecia profundamente essa lenda judaico-cristã do sapateiro viandante e mais outras figuras míticas da história do povo hebreu. Castro Alves, como quase todo poeta do período romântico, apreciava as passagens das sagradas escrituras. Jamil Almansur Haddad observa que, em Castro Alves, a Bíblia hebraica comparece 68 vezes na poesia desse autor baiano. (HADDAD, 1953, p. 25) “Hebreia”, por exemplo, é um dos seus poemas mais conhecidos e trata da trágica história da judia sem pátria, a “Pálida rosa da infeliz Judéia”. Castro Alves se indignava assim com a dor e a tragédia deste povo apátrida, que, da mesma forma que os escravos afro-brasileiros, também viveu ora cativo, ora palmilhando terras alheias. O poeta de “Cachoeira de Paulo Afonso” registra, aliás, este sentimento de revolta contra o cativo judaico, como espécie de alegoria dos povos que foram submetidos à escravidão, como se pode ler nos famosos versos de “Vozes d’África”: “Vi a ciência desertar do Egito.../ Vi meu povo seguir – judeu maldito –/ Trilho de perdição”. (ALVES, 1986, p. 292).

Aqui podemos afirmar que, se Machado de Assis “olhava para o percurso dos judeus com profunda simpatia” (NOVINSKY, 1992, p. 24), o mesmo se pode dizer de Castro Alves. Tal qual o bruxo do Cosme velho, o poeta dos escravos dedicou também vários versos ao povo judeu, principalmente às mulheres da bíblia hebraica, tanto que compôs poemas evocando Dalila, Ester, Sulamita, dentre outras. Jamil Almansur Haddad vai mais longe ainda, afirmando que a “quem ler Castro Alves, não é possível (que) passe despercebida sua ternura



pelas coisas de Israel. As doces paisagens bíblicas panoramizam-se em seus versos”. (HADDAD, 1953, p. 9-10)

Jamil Haddad nos informa ainda que Castro Alves tinha uma ligação afetiva muito estreita com as irmãs judias Amzalack, as quais habitavam um solar em frente à casa do poeta quando ele era ainda pré-adolescente, em Salvador.

O poema “Hebreia” teria sido inspirado na beleza de uma das irmãs Amzalack, por quem o adolescente Castro Alves se apaixonou. Há de se mencionar aqui que, com certeza, a família do poeta conviveu com vários criptojudеus provenientes de Portugal, os quais, fugindo da Inquisição lisboeta, escolhiam o Brasil para se abrigarem e viverem com mais dignidade.

Castro Alves conviveu com grupos de cristãos-novos ao longo de sua curta vida. Segundo Anita Novinsky, vários judeus viviam na Bahia e exerciam as mais diversas profissões e, diferentemente de outros estados brasileiros que receberam marranos, grande parte do grupo hebraico miscigenou-se com a população nativa. No entanto, muito embora esse grupo de judeus tenha se assimilado à cultura baiana local, ele “mantinha uma inquietude interna, produto de sua condição (de pária), o que provavelmente terá inclinado muito de seus descendentes a se tornarem posteriormente maçons e precursores dos ideais de libertação do Brasil”. (NOVINSKY, 1992, p. 64).

Aliás, esses ideais libertários apresentados pelos cristãos-novos eram, com certeza, o que mais seduzia o poeta de “Vozes d’África”. Talvez não tenha sido de forma aleatória que Castro Alves tenha escrito em “Mocidade e morte”: “Sou dos convivas da lenda hebraica”.

Se para Jorge Amado, “Castro Alves nasceu sob o signo do amor mais livre, dos instintos lutando contra os preconceitos, do homem procurando a sua felicidade contra tudo e contra todos” (AMADO, 2010, p. 18), podemos acrescentar ainda que sua ânsia pela imortalidade acabou se concretizando. Afinal, tal qual Assuero, Castro Alves eternizou-se. Ele é hoje um mito, uma lenda. Atualmente é possível encontrar uma profusão de cordéis, quadrinhos, documentários, romances, filmes que trazem em seu bojo a vida do poeta dos escravos. O poeta de “Hebreia” é um dos poucos a fazer parte desse imaginário poético brasileiro. Edilene Matos comenta que o poeta dos escravos já se consagrou no imaginário popular, principalmente na “gente simples, passantes, parodistas, poetas populares, cantadores, compositores”. (MATOS, 1999, p. 5).

*Espumas flutuantes* é, até hoje, um dos livros de poemas mais lidos no Brasil. São raras as pessoas com um conhecimento mediano que não saibam quem foi Castro Alves ou que não saibam recitar alguns versos de sua autoria. Suas



estrofes declamatórias fazem as delícias das academias de letras, dos grêmios recreativos e dos saraus improvisados. O poeta dos escravos sempre fez parte das antologias literárias do Ensino Médio. Difícil um livro de ensino de literatura brasileira que não traga como exemplos versos desse poeta baiano. Sua poesia em prol dos escravos propulsiona acalorados debates nas universidades. Algumas perguntas percorrem as dissertações e teses de doutorado: ele teria sido realmente um autêntico poeta engajado na causa contra a escravidão? Não teria sido ele apenas um pequeno-burguês afetado, que foi buscar inspiração na escravatura para declamar seus poemas nos luxuosos teatros do país? A polêmica segue acirrada.

Assim, parece que o vate Castro Alves se converteu em um novo Ahasverus, perambulando do popular para o erudito, do erudito para o popular. Tal qual Ahasverus, ele deixa rastros tanto nas estrofes dos cordéis como num romance de Jorge Amado. Em qualquer feira do nordeste é fácil encontrar os livretos *A vida de Castro Alves*, *O ABC de Castro Alves*, de Rodolfo Coelho Cavalcante; *Oração ao poeta dos escravos*, *Castro Alves e os jovens dos nossos dias*, de Valeriano Félix dos Santos. Também, Patativa do Assaré, em “Morrer sem morrer deveras”, exalta o poeta dedicado à causa dos negros brasileiros.

O autor de “O laço de fita”, tanto povoa a voz dos repentistas nordestinos como serve de mote para o belo filme de Silvio Tendler, intitulado “Castro Alves: retrato falado do poeta” (1999). Não podemos nos esquecer ainda das centenas de ruas, avenidas e praças do nosso país que levam o nome deste autor. Sara Silva comenta também que várias escolas de samba tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo homenagearam este poeta baiano em seus sambas-enredo. Mangueira, Portela, Império Serrano, Unidos da Tijuca, dentre outras, todas elas exaltaram ora a excelência de suas rimas ora a sua figura carismática. Ora ele é aclamado como o poeta mais “amado do Brasil”, ora de “poeta abolicionista”, ora de “poeta do povo”. No “samba-enredo da Império, Castro Alves, além do epíteto de grande poeta, recebe o de ‘vulto varonil” (SILVA, 2012, p. 140). Com base em Bakhtin (1999), podemos dizer que, de forma carnalizada e polifônica, as vozes populares e das margens também querem cantar e exaltar o poeta condoreiro, além de trazê-lo para o centro da rua, afinal, como diz os versos de “O povo ao poder”: “a praça é do povo como o céu é do condor.” (ALVES, 1986, p. 432).

Castro Alves vive assim nessa circularidade cultural infinita, diria Carlo Ginzburg (2006), em que a tradição acadêmica e canônica do poeta romântico que traduziu Byron e dialogou com Goethe fecunda o imaginário popular, o qual prefere ver nele o poeta gênio, o vate de um povo, o bardo inspirado dos amores sofridos ou o imortal poeta dos escravos. Assim, podemos concluir



dizendo que o autor de “Ahasverus e o gênio” conseguiu se imortalizar nas *terras brasílicas* e, tal qual o caminhante Cartafilo, provavelmente só desaparecerá quando principiar o dia do juízo final, no fim dos tempos, com a temerosa chegada do Apocalipse.

-----

\* **Kenia Maria de Almeida Pereira** é Doutora em Letras pela UNESP/Rio Preto/SP. Professora do Programa de Mestrado em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do LEJ (Laboratório dos Estudos Judaicos). Publicou, dentre outras obras, *Os encantos de Medeia*, de Antônio José da Silva, o Judeu” (EDUSP) e *Guerras do Alecrim e Manjerona: entre o jogo do entrudo e as artimanhas do coração* (EDUFU).

## Referências

ALVES, Castro. *Obra completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1986.

AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CALMON, Pedro. *Vida e amores de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1935.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O veneno da serpente*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil: era romântica*. v. 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.



DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, Jerusa Pires. O Judeu Errante: a materialidade da lenda. *Revista Olhar*, São Carlos, UFSCAR, Ano II, n. 3, p. 24-30, maio 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Ligia M. Conde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Eugênio. Castro Alves e o romantismo brasileiro. In: ALVES, Castro. *Obra completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1986. p. 19-43.

HADDAD, Jamil Almansur. *Revisão de Castro Alves*. São Paulo: Saraiva, 1953. 3 volumes.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MATOS, Edilene. *Castro Alves: imagens fragmentadas de um Mito*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Os fazedores de golems*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia: a Inquisição*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

PEIXOTO, Afrânio. Vida efêmera e ardente de Castro Alves. In: ALVES, Castro. *Obra completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1986. p 45-62.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Narrativas mitológicas e tradições judaicas: o mito do judeu errante na poesia de Vinicius de Moraes. *Revista Vértices*, Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, n. 12, 2012.



PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. BUENO, Camila Felisbino. O Judeu Errante nas Minas Gerais: Carlos Drummond de Andrade em busca de Ahasverus. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 7, n. 13, out. 2013.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980.

ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 665-671.

SANTOS, Adilson. A luta entre impulso de vida e morte em *Viver*, de Machado de Assis. *Revista de Letras*, v. 1 e 2, n. 28, jan/dez. 2006.

SILVA, Sara Daniela Moreira da. *Castro Alves na cultura brasileira*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários e Culturais) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

SOUSA, Cleonice Ferreira de. *Projeções do Romantismo pelas asas de um condor: a presença hugoana em poemas da obra de Castro Alves*. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

WALDMAN, Berta. Ahasverus: o judeu errante e a errância dos sentidos. In: \_\_\_\_\_. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectivas: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003. p. 89-100.